



As relações luso-brasileiras e a revista *presença* na correspondência entre Adolfo Casais Monteiro e Ribeiro Couto

The Portuguese-Brazilian Relations and the presença Magazine in Correspondence between Adolfo Casais Monteiro and Ribeiro Couto

Ingred Georgia de Sousa Silva

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/ Brasil
ingredgsousa@gmail.com

<http://orcid.org/0009-0002-6363-7933>

Resumo: Tendo como base de pesquisa a correspondência entre os escritores Adolfo Casais Monteiro e Ribeiro Couto, organizada, em 2016, por Rui Moreira Leite, este trabalho objetiva percorrer brevemente os registros da colaboração do poeta brasileiro na revista *presença*, dirigida por Casais Monteiro, evidenciando as discussões sobre as relações luso-brasileiras que se desdobram a partir dessas trocas. Tendo sido um encontro muito produtivo para os dois escritores e para a geração literária que fariam movimentar, a correspondência aponta também para um ambiente de reflexão sobre o fazer literário, afinidades, afastamentos e atravessamentos de outras esferas sociais no campo da literatura.

Palavras-chave: Correspondência; Casais Monteiro; Ribeiro Couto; relações luso-brasileiras.

Abstract: Based on the correspondence between the writers Adolfo Casais Monteiro and Ribeiro Couto, organized in 2016 by Rui Moreira Leite, this work aims to review the records of the collaboration of the Brazilian poet in the *presença* magazine, conducted by Casais Monteiro, highlighting the discussions about the Portuguese-Brazilian relations that

unfold from these exchanges. Having been a very productive meeting for the two writers and for the literary generation that would move, the correspondence also points to an environment of reflection on the literary production, affinities, disagreement and crossings of other social spheres in this context.

Keywords: Correspondence; Casais Monteiro; Ribeiro Couto; portuguese-brazilian sociability.

Após o processo de independência do Brasil, o pensamento que prevalecia para uma parte da sociedade brasileira era justamente o que buscava escapar a possíveis influências de Portugal em um processo de reconhecimento e afirmação da realidade nacional. No capítulo “As relações culturais ao longo do século XIX”, incluído em *Depois das Caravelas: as relações entre Portugal e Brasil, 1808-2000* (2000), Tania Ferreira e Lúcia Neves apontam que haveria um “espírito de aversão recíproca”, segundo leituras do historiador Capistrano de Abreu, e, para os brasileiros “a presença portuguesa constituía uma ameaça à organização do novo País” (Ferreira; Neves, 2000, p. 227). Assim, o termo “brasileiro” toma força como marca de pertencimento, como “qualidade na esfera política”. Na ausência, porém, da tradição cultural própria, distinta da herança lusa, que emprestasse consistência a essa percepção, a única forma de definir o brasileiro era pelo o que o termo excluía” (Ferreira; Neves, 2000, p. 228), no caso, a distinção em relação ao português.

Ainda segundo Ferreira e Neves (2000), a relação entre Portugal e Brasil se estruturou entre tensões nas mais diversas áreas, ora mais acentuadas, ora menos. Vemos, por exemplo, o pensamento romântico de exaltação da natureza e do indígena junto da afirmação de um rompimento intelectual com os portugueses (Ferreira; Neves, 2000, p. 234); e, algum tempo depois, em 1880, as comemorações do tricentenário de morte de Luís de Camões voltavam “a irmanar portugueses e brasileiros nas celebrações” (Ferreira; Neves, 2000, p. 236). No setor econômico, o intenso fluxo de imigrantes marcava uma inevitável presença da circulação da cultura portuguesa e um aumento de concorrência no oferecimento de mão de obra no Brasil.

Essa situação tendeu a gerar duas imagens divergentes do imigrante português: de um lado, propalada pela imprensa antilusitana, a

do português ignorante, analfabeto, oportunista, adúltero de pesos e medidas; de outro, a do português obediente, trabalhador e apolítico, ideal para a ordem social vigente, cuja idealização foi elaborada, em parte, pela elite da própria colônia lusitana, que também destacava o papel do emigrante na manutenção dos laços econômicos, culturais e afetivos com o Brasil, considerado a maior obra realizada por Portugal (Ferreira; Neves, 2000, p. 245)¹.

Nesse mesmo contexto, a historiadora Lucia Maria Paschoal Guimarães, em “Relações culturais luso-brasileiras: encontros e desencontros” (2006), assinala que as propostas de formação de uma “comunidade luso-brasileira”, impulsionadas desde o início da Primeira Guerra, passaram por momentos em que, além do reforço de uma irmandade entre as nações, visava-se a formação de um bloco político, a instituição de uma “Confederação luso-brasileira”. Tais medidas partiam de aproximações fortemente políticas e estratégico-militares e que, ainda assim, não deixavam de envolver personagens da esfera literária – esses movimentando-se pelas publicações periódicas e encontros oficiais (Cf. Guimarães, 2006, p. 2). Ernesto Castro Leal em “A ideia de Confederação Luso-Brasileira nas primeiras décadas do século XX” (2009), conta que partiu do fundador da Academia Brasileira de Letras, Silvio Romero, a proposta de uma “aliança luso-brasileira”, quem sabe uma “nova e grande Lusitânia” (Cf. Leal, 2009, p. 242).

O seu ponto de partida era o de promover, no momento, uma redescoberta das origens e destino histórico do Brasil para os seus novos desafios no início do século XX, aí inserindo a conveniência do fortalecimento do elemento português (salientando a língua, os costumes, o direito e o caráter), sem que isso significasse uma oposição, de matriz nacionalista, aos outros elementos que estiveram na formação e evolução da grande nação brasileira.

¹ A. Gomes da Costa, em “Presença portuguesa no Brasil” (2002, p. 13-14), afirma que “Não há exagero em afirmar que se tirarmos a Língua, as heranças da colonização, as instituições, a religião cristã, os acervos artísticos, enfim, todos os elementos da nossa própria identidade, o que o Brasil tem ainda de português devemos-lo muito aos imigrantes, que souberam transplantar para a terra de acolhimento não apenas o seu sonho e o seu destino, mas também os valores que faziam parte de sua vida anterior à diáspora – a aventura e a saga de um povo, o culto mariano e as danças folclóricas, os costumes e as tradições”.

(...)

Propunha o fortalecimento das relações bilaterais entre Portugal e o Brasil, em torno de algumas políticas públicas comuns – tratados de comércio, convenções literárias, exposições de produtos, fomento da emigração, colaboração na marinha mercante, acordos militares –, reafirmando, a terminar, a importância de salvaguardar a língua portuguesa no Brasil (Leal, 2009, p. 237).

Ainda assim, segundo Guimarães (2006, p. 3), somente após a ascensão de Getúlio Vargas é que os laços com Portugal se estabeleceriam efetivamente.

Podemos, assim, falar em uma relação conflituosa nas trocas entre Portugal e Brasil e talvez acentuar o estabelecimento de duas principais correntes: uma que caminhava pelo afastamento e outra que propunha a convivência colaborativa.

De Varnhagen a Azevedo e de Ramos Paz a Malheiros Dias, são duas linhas de força que se destacam: de um lado, a busca de uma brasilidade por meio da rejeição, cada vez mais generalizada e intensa, da herança portuguesa por setores da elite, na tradição dos brasilienses da época da Independência; de outro, a constante presença do elemento português no cenário nacional, que se soube desdobrar, a partir de fins do século passado, em um espírito associativo, como estratégia para a reafirmação dos valores lusitanos e que ganhou força com as comemorações do centenário da Independência. De fato, foi sobretudo após 1922 que começou a ser gerada a política de relações fraternais entre Brasil e Portugal, que passaria a permear as relações oficiais luso-brasileiras daí em diante, fundada no sentimento de pertencimento a uma tradição histórica e cultural comum, visando à minimização dos conflitos e divergências. A partir de então, e apesar da reafirmação nacionalista que representou, nesse mesmo momento, o movimento modernista, Brasil e Portugal voltavam a se ver como pátrias irmãs, unidas pela língua, pelas tradições e representações comuns (...) (Ferreira; Neves, 2000, p. 232).

No que diz respeito ao campo cultural, no Brasil, antes e depois de 1922, observava-se a circulação de obras literárias portuguesas, viabilizada pela presença de intelectuais lusitanos, além da abertura do Real Gabinete Português de Leitura, em 1900, que “posto ao alcance do público brasileiro, constituiu, por si só, fator considerável para

manter vivo, no Brasil, o conhecimento da vida intelectual portuguesa” (Magalhães, 2000, 354). Os textos de Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, António Nobre e, um pouco mais tarde, Fernando Pessoa também não passariam em branco, sendo leituras presentes no repertório dos escritores brasileiros (Magalhães, 2000, p. 355). Por outra via, algumas movimentações conhecidas no chamado primeiro modernismo brasileiro, contribuía para acentuar o clima de tensão nas relações entre Portugal e Brasil, ao longo dos séculos XIX e XX, como o discurso de Graça Aranha proferido em 1924 e intitulado *O Espírito Moderno* que trazia afirmações polêmicas como no trecho destacado em que o intelectual afirmava: “não somos a câmara mortuária de Portugal”. (Aranha, 1924, p. 176). O crescente nacionalismo contribuiria ainda para acentuar o desejo de afirmação de uma ideia de identidade nacional, que levaria alguns escritores e intelectuais brasileiros a buscar “resgatar uma identidade perdida” (Oliveira, 2002, p. 101) metaforizada, por exemplo, na poesia de Oswald de Andrade em *Pau Brasil* (1925).

Nesse movimento de altos e baixos, como afirma a historiadora social Lucia Guimarães (2006, p. 2), “houve acentuado incremento nas relações literárias luso-brasileiras, com o surgimento de almanaques, jornais e magazines, nos quais participavam escritores das duas nacionalidades”. A cultura foi o eixo que abriu caminhos para a existência de um incremento nas relações luso-brasileiras.

Basta dizer que na *Águia*, editada na cidade do Porto (1910-1930), ao lado de Teixeira de Pascoas e de Jaime Cortesão, escreviam Ronald de Carvalho, Coelho Neto, Vicente de Carvalho e Lima Barreto. A revista *Atlântica* (1915-1920), publicada em Lisboa, era dirigida pelo português João de Barros e pelo brasileiro Paulo Barreto, o popular João do Rio, e contava com a colaboração de Graça Aranha, Afrânio Peixoto e Tristão de Ataíde. No Rio de Janeiro, os principais diários editavam textos de Alberto d’Oliveira, de Carlos Malheiro Dias e de Jaime de Ségurier, que assinava, inclusive uma coluna no *Jornal do Comércio* (Guimarães, 2006, p. 2).

Em contraposição, no final do XIX e início do século XX, segundo (Magalhães, 2000, p. 356), “a literatura brasileira era escassamente conhecida nos meios intelectuais portugueses”.

Em um livro que publicou em Portugal, em 1896 o acadêmico brasileiro Valentim de Magalhães escrevia: “os livros brasileiros não são lidos em Portugal: o movimento literário transatlântico é completamente desconhecido cá. Ao passo que lá se lêem as mais insignificantes obras portuguesas e são familiares os nomes de todos os escritores portugueses, no país irmão desconhecem-se mesmo os mais importantes e os mais notáveis (escritores). (...) Os próprios homens de letras em Portugal pouco conhecem da literatura brasileira depois de Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Alencar” (Magalhães, 2000, p. 356-357).

Também o crítico Enrico Martines (2018, p. 37), em “A presença do Brasil na *presença*: análise de uma atenção renovada”, trata de “uma geral ignorância quanto aos novos valores que se impunham no país sul-americano”, afirmando que, apesar de não serem nulas as iniciativas de contato entre Brasil e Portugal – podemos destacar, rapidamente, a revista *Orpheu*, de 1915, apresentando-se como luso-brasileira e as primeiras investigações de José Osório de Oliveira em *Literatura Brasileira*, publicado em 1926 –

só a partir dos anos Trinta verificou-se em Portugal uma renovada atenção para a cultura brasileira e foram lançadas as bases para que os escritores brasileiros pudessem influenciar os seus colegas europeus. Isto deu-se também graças à atividade de algumas publicações culturais portuguesas, sobretudo a *Descobrimento*, a *Revista de Portugal* e, não última, a *presença* (Martines, 2018, p. 37).

Acentua-se, neste âmbito, o papel dos periódicos literários e culturais no efetivo estabelecimento de uma comunicação entre os movimentos literários dos dois países. Compreendendo as revistas como suportes organizados coletivamente e como pontos de encontro da intelectualidade de então, destacamos o papel das publicações periódicas e redes de sociabilidade nos diálogos estabelecidos e na divulgação das literaturas de Portugal e Brasil, nas primeiras décadas do século XX.

Um retrato dessa convivência no meio literário é o que se evidencia no livro *Correspondência – Casais Monteiro e Ribeiro Couto*, organizado por Rui Moreira Leite e publicado em 2016, pela Editora Unesp. A publicação contempla a extensão do diálogo entre os dois escritores que se deu entre 1931 e 1962, considerando também as lacunas nessa troca epistolar. A busca por uma amizade colaborativa, ou

pelo estabelecimento dessa chamada relação luso-brasileira, a partir da aproximação de Adolfo Casais Monteiro e Ribeiro Couto, foi essencial para a manutenção de um contato tão complexo por tanto tempo. Tendo sido um encontro muito produtivo pessoalmente para os dois escritores e para a geração literária que fariam movimentar a partir dessas trocas, a correspondência aponta também para um ambiente de reflexão sobre o fazer literário, afinidades, afastamentos e atravessamentos de outras esferas sociais no campo da literatura.

O primeiro contato ocorre por iniciativa do jovem Adolfo Casais Monteiro, naquele momento com 23 anos, hoje reconhecido como um nome fundamental no campo das letras portuguesas, principalmente a partir de seu trabalho como um dos diretores da revista *presença* – “folha de arte e crítica”, inaugurada em 1927 por José Régio, Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões, que com 56 números, estabeleceu-se como uma importante fonte para a literatura, artes plásticas e cinema, sendo até hoje um veículo relevante para pesquisas nessas áreas. Seu destinatário é Rui Ribeiro Couto, escritor brasileiro, articulador literário e que, à época, ocupava o cargo de vice-cônsul do Brasil, em Marselha. Na apresentação do livro, Moreira Leite conta-nos que com “apenas um primeiro livro de poemas, *Confusão* (1929), publicado” (Leite, 2016, p. 13), Casais Monteiro não esconde a admiração e a alegria por estabelecer contato com Ribeiro Couto, “dez anos mais velho” e “um escritor de certo renome, embora seus registros poéticos não o aproximem de seus companheiros de geração por seu tom de delicado intimismo e uma firme ligação à poesia portuguesa, notadamente Antônio Nobre” (Leite, 2016, p. 13).²

² Mário Hélio em “De poetas menores e Ribeiro Couto” (2002), aponta para a proximidade entre Couto, Cecília Meireles e Tasso da Silveira, sempre afastados dos modernismos, em razão da vinculação que comumente se faz destes poetas com vertentes tradicionais, da poesia: “Até recentemente, numa imaginária bolsa de valores da literatura, nomes como Cecília Meireles, Tasso da Silveira e Ribeiro Couto, com suas evidentes ligações com o tradicionalismo de linguagem estavam em baixa cotação. Muitos historiadores e críticos fingiam não existir um vínculo do moderno com o passado. O fato de um dos primeiros ismos pronunciados pelos paulistas ter sido o futurismo diz muito de um movimento que era tão caótico quanto frágil em suas formulações teóricas. Mas o passado – inclusive aquele mais remoto do cancionário luso-brasileiro – sempre esteve ali rondando a excessiva confiança nos mitos do presente e do futuro” (Hélio, 2002, p. 2).

Ao longo da correspondência, além da intimidade aumentada com o tempo, que se torna visível nos modos de tratamento das cartas – passando de um inicial e recíproco “Meu querido camarada” (Leite, 2016, p. 27; 33) a outros como “Queridíssimo Couto” (Leite, 2016, p. 90), “Mais outro abraço do seu do coração Adolfo” (Leite, 2016, 2016, p. 91), “Grande, queridíssimo amigo” (Leite, 2016, p. 102) em referência a Couto, “um chi-coração do Adolfo” (Leite, 2016, p. 104), “Casalote” (Leite, 2016, p. 144), “Adolfito” (Leite, 2016, p. 158) – e da manifestação de compatibilidades pessoais e de escrita, destacamos, sobretudo, as reflexões sobre o intercâmbio literário luso-brasileiro, os comentários sobre a dificuldade de acesso aos livros publicados em ambos os países, as recorrentes publicações em outros periódicos e a tarefa de divulgação desempenhada por Ribeiro Couto desde muito antes desse contato. Para além dessas, vamos tomando conhecimento de questões familiares, divergências políticas, comentários críticos acerca de outras publicações e novidades sobre as próprias produções. O frutífero contato entre Couto e Casais rendeu ainda uma *plaquette* intitulada *Correspondência de Família*, com prefácio de José Osório de Oliveira – “um dos mais importantes e esforçados divulgadores da literatura brasileira em terras lusitanas” (Leite, 2016, 2015, p. 102) –, publicada em 1933, em edição fora do comércio³. Nesse contexto, o presente trabalho objetiva percorrer brevemente os registros da colaboração do brasileiro Ribeiro Couto na revista *presença*, evidenciando as discussões sobre a cooperação luso-brasileira que se desdobram nessas trocas.

O primeiro contato entre os dois escritores se deu em 22 de junho de 1931, por iniciativa de Adolfo Casais Monteiro. Como se pode deduzir a partir do conteúdo da epístola, já havia um interesse do escritor

³ *Correspondência de Família*, publicada em 1933, foi proposta por Ribeiro Couto em carta de 06 de novembro de 1932. Na ocasião, conta que compôs o poema homônimo à *plaquette* e começou a imaginar a sua publicação. “(...) a coisa nasceu de eu ter copiado os seus “Poemas da amizade” para dar a uma revista daqui. Depois veio o impulso de publicar também uma resposta. Meti as mãos dentro do peito e trouxe de lá todos esses ritmos” (Leite, 2016, p. 57). O poeta não deixa de apontar José Osório de Oliveira para os trabalhos gráficos e para o prefácio, além de indicar a publicação fora do comércio e em excelente papel e de se responsabilizar pelas despesas. Dois exemplares da *plaquette* constam na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa, segundo registros disponíveis no site da Casa Fernando Pessoa: https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/8-374_2. Acesso em setembro de 2023.

português em conhecer a produção do poeta brasileiro, apresentado a ele por intermédio de João Gaspar Simões, crítico e ensaísta português que foi um dos fundadores da revista *presença* e correspondente de Ribeiro Couto. A motivação teria sido justamente esta: em carta a Simões, Couto elogiava o único livro então publicado por Casais, o *Confusão* (1929), e recomendava a divulgação do mesmo. Assim, de maneira agradecida, escreve o português:

Meu querido Camarada,

Porto

22-VI-1931

Devia ter-lhe escrito há muito tempo, já. E tanto mais que esta carta não é daquelas que se escrevem por obrigação, e sem entusiasmo. Eu dir-lhe-ei mesmo que tenho demorado a escrever-lhe em parte devido ao entusiasmo com que o descobri. Receei, e receio, não saber exprimir-lhe toda a admiração (mas admiração é uma palavra tão baça!) que em mim despertou a leitura dos teus dois livros. Antes de os receber, já sabia, por uma carta ao João Gaspar Simões, na qual me citava algumas linhas duma carta sua, o que tinha dito de meu livro. (...) Que o Ribeiro Couto me perdoe, mas eu queria agradecer-lhe como se agradece o livro dum velho amigo que já sabe que nós o admiramos, o que nos dispensa desse formulário ridículo que me custaria usar, precisamente porque a sua poesia foi para mim uma revelação imensa, mas ao mesmo tempo como que o encontro de alguém que era familiar à nossa vida. (...) Sabe outra das minhas alegrias ao lê-lo? Desde muito que eu me inquietava pela minha ignorância das novas gerações do Brasil. Bem sabe a dificuldade, aqui em Portugal, de tomar contacto com os verdadeiros artistas do Brasil! Por uma crítica de Marcel Brion, conheci Tristão de Ataíde, do qual consegui comprar um volume dos *Estudos*. Isto quanto à crítica! Quanto a poetas é (sic) verdade é que a todos ignoro, e é com o maior prazer que mandarei o meu livro aos que indicou ao Gaspar Simões. (...) Poderei esperar uma grande carta de si? O Ribeiro Couto tem a sua vida. Eu, este ano, concluindo a minha Licenciatura em Letras, nada faço de preciso, leio, escrevo, vivo, nada que me prenda a um trabalho constante. Todavia, tudo o que vier de si, por pouco que seja, o espero ansiosamente.

Toda a indizível amizade e admiração do Adolfo Casais Monteiro P.S. Envio-lhe o meu livro, porque não quero que o tenha num exemplar anônimo. E se tiver mais algum livro seu, agradeço-

lhe se me quiser mandar. A. C. M. R. Miguel Bombarda, 516 – PORTO (Leite, 2016, p. 27-32).

O mencionado contato prévio entre Gaspar Simões e Ribeiro Couto é também citado por Casais Monteiro. O jovem faz questão de explicitar sua admiração pelo poeta brasileiro e, desde o início, marcar a quebra de uma formalidade, chamando-o já “camarada” e estendendo-lhe agradecimentos que seriam mais apropriados a um “velho amigo”. O tom familiar e próximo, nesse sentido, talvez se configure como um dos fatores que colaboraram para a imediata, e interessada, afinidade estabelecida entre os dois escritores.

Quando avançamos na leitura do documento, vemos Casais tratando de uma “ignorância” em relação às “novas gerações do Brasil”. Diz também que Couto “Bem sabe a dificuldade, aqui em Portugal, de tomar contacto com os verdadeiros artistas do Brasil!” e que “Quanto a poetas é verdade é que a todos ignoro”, ainda que mencione o fato de haver tomado conhecimento de Tristão de Ataíde através de um texto do crítico francês Marcel Brion. De maneira clara, a carta aponta para a dificuldade de trânsito da literatura brasileira em Portugal, o que no Brasil não era diferente. Arnaldo Saraiva, em *Modernismo brasileiro e modernismo português*, afirma que “uma página de *A Águia* de 1920 (janeiro-julho) falava numa literatura brasileira ‘enriquecida’ que no entanto não tinha em Portugal quem procurasse ‘espalhá-la’ ou ‘torná-la conhecida’” (Saraiva, 2004, p. 40). Ainda segundo Saraiva, o já referido José Osório de Oliveira, “juntamente com Ribeiro Couto, que no final da década de 20 esteve em Portugal, e com Adolfo Casais Monteiro, foi o grande responsável pela popularização que a literatura brasileira moderna conheceria em Portugal nas décadas seguintes” (Saraiva, 2004, p. 40).

Sobre esse mesmo tópico, e ratificando o que lemos na carta de Casais Monteiro sobre o desconhecimento de livros do Brasil, João Gaspar Simões em “Ribeiro Couto e Portugal”, na edição portuguesa e póstuma, do livro *Sentimento Lusitano*, de Ribeiro Couto, trata da aproximação do poeta brasileiro com Portugal e seu trabalho de divulgador literário, a partir da Revista *presença*, apontando para a forma como isso refletiu no conhecimento de outros escritores brasileiros:

Através de Ribeiro Couto chegou até nós a moderna literatura brasileira. (...) Bem certo que à volta de 1930, quando Ribeiro Couto quis que fosse a *Presença* a editar um dos seus livros – *Província* -, algo se conhecia entre nós das letras do Brasil. João

de Barros e José Osório de Oliveira eram então os mais fiéis paladinos de um entendimento fraterno com os escritores do outro lado do Brasil. Os poetas do «modernismo» brasileiro eram quase desconhecidos entre nós. Por sua vez desconhecia-se no Brasil quer o primeiro quer o segundo modernismos, então em plena efervescência. E o gesto de Ribeiro Couto, aproximando-se da jovem revista coimbrã, foi o primeiro passo para o entendimento que faltava: atrás do poeta da *Provincia* vieram os maiores líricos da geração de 22. Jorge de Lima, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, todos os grandes poetas modernos do Brasil se tornaram familiares das letras portuguesas. Um verdadeiro entendimento inter-modernismos se verificou graças a Ribeiro Couto e à sua cordial aproximação dos jovens presencistas (Simões, 1963, p. 229).

A aproximação de Couto com intelectuais portugueses, como Gaspar Simões e, algum tempo depois, Casais Monteiro, e as atividades desenvolvidas em torno da revista *presença*, evidenciam-se como fatos importantes nas relações luso-brasileiras naquele momento. A atividade ainda aparece mencionada na mesma carta, em que Monteiro afirma que: “é com o maior prazer que mandarei o meu livro aos que indicou ao Gaspar Simões” (Leite, 2016, p. 31), sendo possível inferir que Couto já estaria articulando contatos para divulgação do livro de Monteiro, antes mesmo de conhecê-lo.

No encerramento da carta, o jovem Casais acentua a diferença entre ele e seu destinatário, colocando-se na posição de um humilde estudante em fins de curso, que nada fazia “de preciso” (Leite, 2016, p. 32), em comparação com o escritor mais experiente a quem se dirigia de maneira tão cordial. Assim, neste ponto, antes de passarmos à progressão deste diálogo, destacamos uma carta 5 de novembro de 31, cinco meses depois do primeiro contato, em que Monteiro relata o fato de ter sido convidado a dirigir a publicação coimbrã o que podemos interpretar como um indício da crescente aproximação entre os correspondentes. Em comparação com a primeira missiva remetida a Couto, notamos a insegurança do poeta diante das responsabilidades advindas da aceitação do novo encargo; suas preocupações adviriam tanto de sua pouca idade – “não sou demasiado criança?” – , quanto do significado atribuído por ele à revista *presença*, que tivera importante papel em sua própria formação intelectual, como se lê a seguir:

Eis-me, pela amizade de Régio e do Gaspar Simões, feito director da *presença*; isto que não podia deixar de me envaidecer, é todavia uma preocupação para mim. Se você soubesse o que a *presença* representa para mim! Fui assinante desde o primeiro número, quando eu ainda nada sabia dos rapazes que a iam fazer aparecer, convidado a assiná-la por um primo do Régio, um camarada do liceu. Assim, me iniciei; foi nela que aprendi a conhecer aqueles que são hoje uns dos meus mais queridos amigos, outros dos meus mais admirados companheiros – para não falar na revelação de Sá-Carneiro, do Fernando Pessoa, etc... ser agora director dela, compreende, é, por assim dizer, irreal, qualquer coisa a que ainda não me adaptei; além disso não sou eu demasiado criança? Não estou demasiado verde para isto? (Leite, 2016, p. 47)

Hoje, passados tantos anos, sabemos o quão sólida e valorosa foi a participação de Casais no corpo diretivo da revista que, juntamente de José Régio e João Gaspar Simões, conduziu as publicações a partir do nº 33. A entrada de Monteiro foi fundamental para o diálogo com o Brasil, como acentua Enrico Martines:

Os ensaios que reconstroem a história da *presença* – nomeadamente os que lhe dedicou João Gaspar Simões, protagonista direto dessa aventura – põem em relevo o facto de os contactos com o Brasil e os seus autores modernos se terem produzido sobretudo a partir de 1931, e principalmente graças a Adolfo Casais Monteiro, que nesse mesmo ano integrara a direção da revista substituindo, de facto, o dissidente Branquinho da Fonseca (Martines, 2018, p. 37-38).

A partir daquele momento, inicia-se a participação de escritores como o próprio Ribeiro Couto, Cecília Meirelles, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida, Jorge de Lima, entre outros.⁴ Ainda que não tenhamos na correspondência a resposta sobre a nova posição assumida por Monteiro naquela publicação, é interessante perceber como há uma interrogação a Couto sobre uma possível

⁴ Martines fala ainda que “A leitura das páginas da coleção da *presença* mostra, aliás, que a situação é ligeiramente mais interessante: os contactos com o Brasil não foram mantidos sobretudo a partir de 1931, mas *só* desse momento para diante” (2018, p. 38), período que coincide, além da chegada de Casais Monteiro ao corpo diretor da revista, com o estabelecimento do contato com Ribeiro Couto.

imaturidade, reforçando a confiança e a espera, talvez, de uma aprovação ou incentivo por parte do poeta brasileiro.

Justificado o salto cronológico na leitura das cartas, voltamos a 07 de julho de 1931, a fim de refletirmos sobre a longa missiva de Ribeiro Couto, remetida do Consulado Brasileiro em Paris. Nela, Couto tece simpáticos agradecimentos e demonstra bastante interesse na amizade, aproveitando para elogiar diretamente o livro recém-publicado de Casais, que motivara o início do diálogo.

5, Avenue Friedland
Consulat Général du Brésil
Paris, 7 de Julho de 1931.

Meu querido camarada,

Poucas vezes um poeta terá recebido uma carta como aquela com que V. me honrou. Pois não é verdade que é a correspondência de almas que importa? Essa correspondência, entre nós, é tão perfeita (entre a sua realidade pessoal e a minha), que eu lamento estar a tão grande distância: senão iria correndo abraçá-lo. Já não posso compreender como estive duas vezes no Porto, em Outubro de 1928 e Novembro de 1929, e não estivemos juntos. É horrível a gente pensar que, num país que se atravessa há alguns homens que são talvez absolutamente como nós, e não sabemos quem são, nem onde estão. Dá vontade de sair gritando: ó irmãos!

(...)

Porém estou a dar-lhe a impressão de fazer literatura. Não tenho aqui, diante dos olhos, a sua carta, isto é, o seu retrato. Esta resposta não é, pois, uma resposta à carta, mas ao seu gesto, ao seu – olá. Bom dia, amigo. Está vendo? Vivemos assim espalhados pelo mundo, mas é talvez melhor esta dispersão da família: pelo gosto indizível de se encontrar, de se reconhecer. Só me aborrece que V. tenha só 23 anos. Eu tenho 10 a mais, e tenho medo de fazer figura de velho diante de V., que já é tão rico de experiência, de segurança e de orientação. (...) ainda que eu próprio seja para os mais velhos, um novo – tenho pelos mais novos que eu um profundo respeito: confio neles para me fornecerem, pelo resto da vida, matéria para admirar (fonte insaciável do meu ser). Seu livro, *Confusão*, é um desses mistérios atléticos de que falei acima. Será o campeão de amanhã? (Leite, 2016, p. 33-34)

Muito agradecido e respondendo à aproximação de Casais, e referindo-se a ele também como “camarada”, Ribeiro Couto inicia

acentuando sua gratidão pela carta recebida e seu encantamento diante da provável afinidade entre ambos, acentuada pelo “gosto indizível de se encontrar, de se reconhecer”. Na continuidade, aqui não reproduzida por conta da extensão da epístola, Couto aproveita o espaço para comentar demoradamente sobre conversas com Jules Supervielle, poeta franco-uruguaio, a respeito de publicações de Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, este último reconhecido como “um dos casos europeus mais notáveis”⁵; e também com Valéry Larbaud, poeta francês muito interessado na poesia de língua portuguesa, especialmente a brasileira, a quem apresentou versos de António Nobre, poeta de sua admiração⁶. Na sequência, conta sobre os textos enviados à *presença* e à Revista *Descobrimento*⁷, dirigida por Osório de Oliveira, da qual também se mostrou ativo colaborador.

⁵ Cabe destacar que nesta mesma carta Ribeiro Couto fala sobre algum contato com Pessoa e que “não lhe mandei livro nenhum porque fiquei a imaginar que ele não gostaria de que lhe batessem no ombro” (Leite, 2016, p. 37) e em nota do organizador lemos: “Na carta escrita a Casais Monteiro em 26 de dezembro de 1933, agradecendo o envio de *Correspondência de família*, Fernando Pessoa relata ter recebido por intermédio de Pierre Hourcade o último livro de Ribeiro Couto.”

⁶ “Valéry Larbaud, a quem tenho falado (desde muito) de Antonio Nobre, gostou imenso de uns versos que copiei das *Despedidas* (Não tenho o *Só!!!!!!!*). Em carta que me mandou de Valbois (onde ele fora passar uns dias, na propriedade que tem lá, perto de Vichy) dizia-me que se interessa; e depois, pessoalmente, confirmou o desejo de conhecer melhor a obra do (a meu juízo) maior poeta português depois de Camões. Ficou muito admirado de saber que o Nobre viveu aqui em Paris e escreveu a “Lusitânia no Bairro Latino”. V., Adolfo Casais Monteiro, se achar aí dois *Sós* num sebo, me mande: um para Larbaud, outro para mim. Não pretendo a comenda de Cristo, mas desejaria prestar a Portugal o serviço de interessar Valéry Larbaud pela obra de Antonio, Antoninho, Tónico – irmãozinho à altura do outro, o Santo Antonio de Lisboa. (Tenho a impressão, quando passo pelo Bairro Latino – e Larbaud mora lá, *en plein*, atrás da Sorbonne e do Panthéon, na rua do Cardinal Lemoine – que a cara pálida do lusíada (coitado!) me segue, triste, tristonha, e me diz: obrigado, meu amigo do Brasil!) (Leite, 2016, p. 37-38).

⁷ Em carta de 26 de outubro de 1931, Ribeiro Couto ainda apontaria também a Revista *A Águia* como possível destino de suas colaborações. Disse, “(...) Trabalho toda a tarde no consulado, de modo que só disponho de duas ou três horas de manhã para escrever. À noite tenho a cabeça zozna e preciso de arejá-la. À noite só leio, ao deitar. Eis as principais razões de andar atrasado com muitos artigos que desejo fazer para aí, *presença* ou *Descobrimento*, sobre a poesia moderna do Brasil. Em todo o caso, enviei ontem

Se v. estiver com o Simões em Coimbra, ou se escrever-lhe, diga-lhe por favor, que lhe mando mil agradecimentos pelos números da *presença* (segunda remessa), e que vou escrever-lhe. Aliás, há uns oito dias mandei-lhe dois poemas de poetas novos do Norte, como uma nota crítica, e uma carta – escrita ainda em Marselha, e que ficara perdida entre papéis, no atropelo da mudança. Recebi também dois exemplares do último número, onde vem quatro poemas meus. Que lhe estou grato pelo acolhimento.

V. viu o primeiro número do *Descobrimento*? O meu queridíssimo amigo Osório de Oliveira publicou ali uns poemas do livro *Província*, reflexos líricos de uma cidadola brasileira (reflexos de que há no *Homem na Multidão* um punhadinho, última parte do livro). Os poemas publicados agora em *presença* pertencem a outro livro.

A mim é que cabe dizer: tudo o que vier de v. será recebido com o espírito e o coração abertos.

Acompanho na *presença* os seus trabalhos críticos, mas ainda não li tudo, pois estou lendo aos poucos a coleção (infelizmente incompleta, devido a haver números esgotados; peço a V. assinalar-me pontos que deseje que sejam objeto de conversa por carta, etc.).

Minha correspondência, com espírito como o seu, nunca é regular, pois obedece ao ritmo caprichoso dos encontros de rua (Há dias em que me encontro com pessoas ausentes, v. não é assim? E nesses dias agarro-as para um canto, e vá de conversar; *allez*, desta vez é bastante!).

Seu muito admirador e amigo Ribeiro Couto (Leite, 2016, p. 38).

Tendo já publicado seus próprios poemas em *presença* no nº 31/32 (Mar./Jun. 1931) do periódico – “São Vicente”, “Padroeira”, “Mercado” e “Paquetá” (Cf. Couto, 1931a, p. 14) –, o primeiro brasileiro a figurar nas páginas da revista (Cf. Martines, 2018, p. 43), Ribeiro Couto parece seguir ativo no seu trabalho de colaboração e divulgação literária. Nessa carta, o autor sinaliza o envio de poemas e uma nota crítica sobre “poetas novos do Norte” do Brasil. O texto referido é “Dois poetas de Alagoas” (Cf. Couto, 1931b, p. 13) que vem a público no nº 33 (Jul./Out. 1931)

um para o 3º ou 4º número de *Descobrimento*. Mandarei também qualquer coisa para a Águia, se isso interessar à gente de lá. Em suma, havendo um pouquinho de tempo, bato máquina! Tomara poder escrever tudo que tenho a ferver sob o couro cabeludo” (Leite, 2016, p. 46).

e apresenta o crítico José Lins do Rego e os poetas Jorge de Lima e Aloysio Branco. Outro ponto que merece destaque é a menção a Osório de Oliveira, diversas vezes referido neste trabalho e que até certa altura dessa correspondência permanece como um outro membro importante nessa esfera de trocas de indicações.

Na já mencionada carta de 05 de novembro, dando prosseguimento às trocas epistolares, Adolfo Casais Monteiro também pontua a felicidade do encontro e do reconhecimento acentuados por Couto na carta anterior: “(...) e como é extraordinário, milagroso, o seu aparecimento, que nos veio ligar, que veio permitir o que, espero, será enfim o primeiro verdadeiro traço de união entre o Brasil e Portugal. O Portugal e o Brasil que as entidades oficiais ignoram” (Leite, 2016, p. 47). Essa face lusobrasileira é a que diria respeito a um diálogo entre as literaturas dos dois países, em oposição à inoperância dos órgãos oficiais, que ignorariam a importância da almejada aproximação cultural. A posição de Casais, bem como a de Couto, é essa que quer evidenciar e fazer movimentar um projeto de cooperação. Sem esconder a satisfação pela relação que ia se estabelecendo, o diretor de *presença* sinaliza, ainda, seu interesse pela poesia brasileira, que vinha conhecendo através dos livros enviados por Couto a Pierre Hourcade e a João Gaspar Simões, comentando também sobre os poetas “do Norte”, apresentados anteriormente, e acenando positivamente para a continuidade desse contato.

Se você pensa escrever sobre a poesia portuguesa de hoje, creia que eu, se desde já quero fazer uma tentativa de ensaio acerca dos seus poemas, desejo imenso conhecer melhor a poesia brasileira de hoje, da qual, através dos livros que deu ao Hourcade e ao Simões, eu tive duas revelações: Manuel Bandeira e Jorge de Lima. Li ainda mal, e só folheando, os *Poemas* em casa do Gaspar Simões, o livro do Jorge de Lima. Mas a *Libertinagem* li-a e reli-a, tenho-a aqui ao meu lado e não me canso de absorver esta força poética de Manuel Bandeira, que é depois de si, e como irmão seu, a maior revelação que eu tenho tido em poesia. (...) Agora, quero avançar no reconhecimento destas regiões novas. Aqui lhe peço que me guie. Não quero pedir-lhe livros: quereria apenas que me desse as indicações necessárias de nomes, de livros, e, se possível, também de editores do Brasil, que eu mandarei vir de lá. (...) E livros seus, Ribeiro Couto? Li os poemas de Aloysio Branco e de Jorge de Lima que mandou para a *presença*. Gosto muito do primeiro, mas prefiro o de Jorge de Lima. É admirável, *sans plus*.

Excelente a sua nota. Cá esperamos mais. *A presença* foi já para a tipografia e em breve terá aí mais um número, no qual lhe anuncio especialmente admiráveis páginas de prosa de Fernando Pessoa (Leite, 2016, p. 47-48).

Conforme antecipamos na introdução deste estudo, conseguimos acompanhar nas cartas lidas o andamento desse trabalho de divulgação das letras brasileiras em Portugal, uma vez que verificamos as atualizações de leitura e comentários breves sobre o que pensam a respeito das obras lidas, a exemplo do entusiasmo evidenciado diante do livro de Manuel Bandeira, *Libertinagem*, que ainda seria tema de outra correspondência. Acentuamos que o diálogo entre ambos, assim como a intermediação de Osório e Simões, que se reflete diretamente nas publicações inseridas na revista *presença*, possibilitou que o diálogo em questão rompesse a esfera individual ou restrita apenas a um pequeno círculo de intelectuais, ao ampliar o acesso a um número maior de leitores, incentivando a internacionalização da produção literária do Brasil.

Ainda sobre a obra de Bandeira e divulgação de livros brasileiros, em carta datada de 15 de janeiro de 1932, Casais Monteiro agradece a Ribeiro Couto pelas obras recebidas – “Desde há muito que deveria ter-lhe agradecido a *Libertinagem* e os outros livros que por indicação sua tenho recebido de seus camaradas do Brasil.” (Leite, 2016, p. 50) – e reafirma seu interesse em compartilhar com seu interlocutor, algumas impressões sobre as suas leituras recentes das obras de escritores remetidas a ele.

Ora, o que eu sinto em Alcântara Machado, primeiro prosador do Brasil com quem travo contacto, é precisamente ele falar uma língua nada literária, uma língua viva, bem brasileira, bem enervada, sem retórica, sem literatura. Língua às vezes difícil para um estrangeiro de tão enraizada no verdadeiro dinamismo da expressão directa e sem enfeites. (...) O que acho extraordinário é como vocês são nacionalistas não sendo estreitos. Como o vosso nacionalismo é sólido, justificado, natural, em comparação dessas miseriazinhas daqueles que em Portugal se julgam a expressão da RAÇA (com muitos RRR!) (Leite, 2016, p. 50).

Para a estudiosa Mirhiane Mendes Abreu, em “Para além das fronteiras: o particular e o cultural nas cartas de Casais Monteiro e Ribeiro Couto” (2017), o que interessava aos dois escritores era a contemporaneidade. “De um lado, consideravam as respectivas produções

literárias; de outro, debatiam sobre os escritores identificados sob o signo da modernidade” (Abreu, 2017, p. 225). Assim, para além da pura movimentação de leituras e trocas de “encomendas”, através do fluido espaço epistolar, vamos acompanhando esse valoroso exercício de reflexão sobre o próprio fazer literário daquele momento.

Na mesma carta, ao encerrar os comentários sobre projetos e sobre a promessa de envio de uma cópia do *Só*, de António Nobre, solicitada por Couto no início desse diálogo, o português aponta para uma nova edição da *presença*.

Neste número da *presença* (a sair em princípios de fevereiro) devo publicar breves notas sobre seus dois livros de poemas, sobre a *Libertinagem*, sobre *Poesia* e talvez sobre Alcântara Machado, enquanto não posso fazer o longo estudo que quero dedicar à sua poesia, e o ensaio sobre “A nova literatura do Brasil” que farei quando mais profundamente a conhecer (Leite, 2016, p. 52).

O texto em questão é “Notas sobre poetas novos do Brasil – I – Ribeiro Couto” (Cf. Monteiro, 1932, p. 14-15), do nº 34 (Nov./Fev. 1932). A crítica de Casais Monteiro também se estende a Manuel Bandeira, em breve comentário, na parte II, dedicada ao livro *Libertinagem*, conforme sinalizado em carta anterior. Esse mesmo texto sobre Couto é reeditado em 1934 e publicado, anos mais tarde, no livro *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*, sob o título “A poesia de Ribeiro Couto” (Monteiro, 1972, p. 145-170), junto de outras duas partes, escritas em 1963 e 1948, assim respectivamente dispostas na publicação.

Mantendo algum ritmo na correspondência, ainda que sob um silêncio de Ribeiro Couto que logo viria a se justificar, sempre a comentar seus trabalhos e empenhos, em 17 de junho de 1932, Monteiro pede por originais do poeta brasileiro.

(...) Você não tem nada – poesia ou prosa – que nos mande para o número 36 da *presença*? Como este último saiu atrasado, o seguinte sai já a seguir: e por isso lhe peço se nos pode e quer dar a sua colaboração que não a demore. Posso contar consigo. Um transatlântico abraço, com toda a admiração e a amizade do Adolfo Casais Monteiro (Leite, 2016, p. 56).

Cerca de quatro meses depois, em carta remetida do Rio de Janeiro, em 06 de novembro de 1932, Couto responde a Monteiro, apontando para

a inutilidade de justificar o longo intervalo que antecederia sua resposta: “Explicar porque passei tanto tempo sem lhe escrever seria longo e inútil. Os telegramas daqui devem informá-lo melhor... Somente agora estou recomeçando a minha verdadeira vida, a vida do espírito. Enviei ao Simões os originais de *Província*” (Leite, 2016, p. 56). O envio de Ribeiro Couto é o livro *Província* que desde o nº 36 (Nov. 1932) passou a ser anunciado em *presença* e seria oficialmente publicado em 1934, sob o selo “Edições Presença”.

Quanto ao livro de Couto, citamos um episódio referente a uma crítica de Albano Nogueira publicada no nº 43 da revista *coimbrã* (dez. 1934) (Cf. Nogueira, 1934, p. 11-12). No texto em questão, Nogueira aponta para o que considerava como a falta de definição de uma personalidade no poeta brasileiro, que estaria, segundo ele, muito inclinado a uma poesia confessional e fugidia: “Por isso a sua poesia, – farrapos esparsos, notas breves, apontamentos, indicações fugidias...” (Nogueira, 1934, p. 11)

Em carta de 22 de abril de 1935, após confirmar o envio de mais uma publicação à *presença*, Couto solicita a Monteiro:

(...) Mande-me o exemplar em que aquele menino precocemente ilustre achou que sou um poeta em formação, em vias de afirmar uma personalidade, etc. Deixei o meu (exemplar, dado por v.) na casa de jornais do Largo da Batalha, com o cinzeiro subtraído ao Escondidinho... Eu tinha jantado muito bem, e não estava com vontade de levar o artigo para casa, porque as linhas finais, lidas na mesa, me haviam produzido uma esquisita impressão de um veneno suave. Fiquei de mau humor (Leite, 2016, p. 86).

Apesar de não termos conhecimento de uma resposta formal de Couto a Nogueira, a correspondência evidencia a postura do poeta brasileiro diante da crítica ao seu trabalho poético. Ao definir Nogueira ironicamente como “menino precocemente ilustre”, Couto coloca-se numa posição de superioridade em relação ao autor da resenha. A carta, como se pode verificar no trecho a seguir, não caiu bem ao gênio forte de Couto que também parece haver experimentado “uma esquisita impressão de um veneno suave”.

A resposta de Casais Monteiro, datada de 30 de abril de 1935, refere-se à colaboração no periódico e detém-se, em certo momento, sobre o impasse com Nogueira.

Infelizmente, a *presença* já estava a imprimir quando chegou o seu belo poema; é do melhor “Couto”! Você não perderá com a demora: reserve-lhe a companhia do Supervielle e do Michaux, para o próximo número. Este (o 44) deve chegar ao Porto por estes dias. (...) Faz mal em levar a mal a crítica do Nogueira. O que v. devia levar a mal era nós ter-mo-la publicado; sabe, aquele Nogueira (que é muito novo, não o esqueçamos), muito fino analista, falha sempre na visão do conjunto. Sim, é talvez analista demais, falta-lhe... creio que lhe falta o afago do sentimento de comunhão poética. É áspero – é muito novo! (Leite, 2016, p. 88).

Tomando a responsabilidade da publicação do artigo para a direção da revista, Monteiro parece mostrar-se ciente do descontentamento de Couto, apesar de acentuar a capacidade crítica de Nogueira. A principal justificativa para apaziguar os ânimos seria a idade do crítico que, por ser “talvez analista demais”, falharia “sempre na visão do conjunto.” A rispidez do discurso empregado pelo autor da resenha decorreria de uma juventude ainda não dotada de um “sentimento de comunhão poética.” A posição do diretor do periódico, nesse sentido, parece indicar uma intenção de preservação da amizade com Ribeiro Couto, de modo a evitar um conflito maior entre os principais envolvidos.⁸

A última colaboração de Ribeiro Couto na *presença*, anunciada em abril de 1935, e que seria fruto do “melhor Couto”, segundo Monteiro, foi publicada no nº 45 (Jun. 1935) na sessão “Poetas Brasileiros”, junto

⁸ Sobre o mesmo episódio, conta Enrico Martines que “Menos entusiástica aparece a recensão que outro crítico, Albano Nogueira, dedica à coletânea poética *Província*, de Ribeiro Couto (n.º 43, dezembro de 1934). Nogueira mostra-se negativamente impressionado por aquela que define uma lenta, evidente e curiosa evolução no poeta brasileiro, um caminho em direção a um acentuado e rebuscado abandono dos atributos poéticos (tal como a riqueza de ritmo e de imagens) que Ribeiro Couto considera alheios à essencialidade da poesia. Porém, essa redução calculada dos próprios versos a um «esqueleto poético», de acordo com Albano Nogueira, acaba por produzir – nas realizações menos bem-sucedidas – um efeito de frieza e de incomunicabilidade, de mero capricho poético, com o resultado que «a poesia afoga-se em palavras e conceitos sem qualquer espécie de interesse poético». Essencialmente, se para Casais Monteiro o poeta santista conseguia harmonizar as suas mais típicas características brasileiras com os ecos de grandes poetas portugueses como Cesário e Nobre, agora Nogueira afirma que Couto está a afastar-se daquelas mesmas influências para afirmar-se como poeta verdadeiro ainda que inseguro” (Martines, 2018, p. 45).

de poemas de Cecília Meirelles. O poema “Carícia Noturna” (Cf. Couto, 1935, p. 5) manteria a tonalidade recolhida destacada na obra do poeta, o que, para Adolfo Casais Monteiro, seria visto positivamente como “uma poesia íntima, pudica, caminhando com pés de lã, uma poesia de intimidade” (Monteiro, 1972, p. 156).

Pensando na continuidade das trocas e a proposta de trabalho luso-brasileiro, a título de complemento, destacamos uma iniciativa interessante de Ribeiro Couto, abordado em determinado momento dessa correspondência, que foi a proposta do Serviço de Cooperação Intelectual, ligado ao Ministério de Relações Exteriores, e que parecemos a oficialização do que vimos funcionar como raiz do diálogo entre os dois escritores. Impulsionado pelos tantos contatos no Brasil e no exterior com escritores, críticos e editores, seu trabalho era motivado pela assiduidade e comprometimento em fazer com que as trocas se realizassem de maneira satisfatória.

A defesa desse projeto, argumentou Couto, residia no fato de que com tal iniciativa se buscava quebrar a barreira existente na América entre os três grandes blocos principais de cultura: segundo o autor, o anglo-saxônico, o hispânico e o lusitano, objetivando o fim do permanente isolamento doméstico das relações culturais brasileiras em relação às repúblicas-irmãs do continente (Neves, 2013, p. 122-123).

O projeto não foi aprovado de imediato, sendo somente em meados de 1937 que Couto receberia uma circular sobre a regulamentação provisória (Cf. Neves, 2013, p. 130). No ano anterior, em 14 de dezembro de 1936, o brasileiro respondia a uma carta de Adolfo Casais Monteiro referindo-se aos projetos literários deste e como ou quem poderia melhor ajudá-lo naquele momento de vida. Nela, explica sobre os objetivos do referido projeto e critica a postura de outros dirigentes envolvidos.

(...) Sobre os teus projetos literários, logo que saias daí nos escreveremos⁹. Quanto ao material (aos livros brasileiros) confesso-te que não tenho tudo de quanto necessitas. Creio que o José Osório de Oliveira tem muito mais livros, dos escritores modernos, do que eu. Em todo caso, logo que estabeleças a lista dos autores sobre os quais desejas te ocupar, posso encher os

⁹ Adolfo Casais Monteiro e sua esposa estavam presos pelo regime português.

buracos, encomendando os livros no Brasil. Um guia excelente para isso (quanto à poesia, somente) é a antologia publicada há meses, pelo Dante Milano (editada pela Ariel), Tens esse livro? Por ali poderás escolher os poetas de que desejas te ocupar. Já tens toda a lista de autores (para os teus ensaios) na cabeça, ou queres que eu te sugira os que podem interessar-te? Existe uma grande quantidade de autores novos, sobretudo romancistas. *Posso até comunicar oficialmente o teu projeto ao Serviço de Cooperação Intelectual, do meu Ministério, para que esse organismo te envie todo o material. Está claro: É bem capaz de não mandarem nada. Mas, pelo menos, fica constando em nossos arquivos que um autor português quis fazer um livro sobre autores brasileiros, e que o Serviço competente não se importou com isso.* Essa idéia me agrada. Por entre a cruz e a caldeirinha um serviço que fundei, e que, mau grado a má vontade de alguns cavalheiros oficiais (“Coisas de literatos” diziam), está vivendo. *Esse serviço destina-se exatamente a fornecer livros a escritores estrangeiros que se interessem por determinados assuntos, etc.* Responda-me se queres uma lista de autores organizada por mim e, sobretudo, de quantos poetas e quantos romancistas te desejas ocupar. Desde já te digo, quanto aos prosadores, não podes esquecer, não poder esquecer o Monteiro Lobato, novelista admirável em qualquer país (O nosso Aquilino¹⁰, penso eu) (Leite, 2016, p. 112-113, grifo nosso).

Esse recorte é esclarecedor para o entendimento do papel de cooperação intelectual assumido por Ribeiro Couto e tantas vezes ressaltado neste trabalho. No ofício encaminhado ao órgão, pede por livros de Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima, Matheus de Lima, Manuel Bandeira, Emílio Moura, Augusto Meyer, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida, Murilo de Araújo, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Raul Bopp, Ronald de Carvalho, Rodrigues de Abreu “e outros poetas vivos e mortos, mas que sejam, como esses exemplos citados de memória, representativos das diversas correntes modernistas” (LEITE, 2016, p. 288). Percebe-se por sua solicitação um interesse pautado pela diversidade de escritores, de diferentes poéticas. Tudo isso reforça um trabalho realmente preocupado com a dispersão da literatura brasileira e, no contexto de indicação de

¹⁰ Aquilino Ribeiro (1885-1963), importante romancista português.

Casais Monteiro como colaborador, sinaliza a confiança no crítico e “camarada” português.

Assim, sobre o teor geral da correspondência, Mirhiane Abreu aponta que,

Ressalvadas as particularidades críticas de cada um dos correspondentes, Ribeiro Couto e Casais Monteiro coincidem no exame estético do tempo que lhes era atual: “Gostaria de dedicar um livro inteiro à literatura actual do Brasil” (p. 75), afirma o português, privilegiando, assim, o momento presente. A convergência desses interesses indicia uma tendência forte nesse diálogo e na poética que produziram. Por caminhos pessoais ou mais gregários, ambos chegaram à fundamental perspectiva: tornar-se intelectual do próprio tempo equivalia a fazer o presente cultural conhecido por informações providas em cartas, estampadas em revistas e revolvidas em exames investigativos. Inversamente, divergem quanto aos posicionamentos políticos, os quais, por fim, acabam por afastá-los, embora o diálogo seja posteriormente retomado (Abreu, 2017, p. 226).

Como “poetas do tempo presente”, interessados na “contemporaneidade”, atentos ao seu meio literário, Adolfo Casais Monteiro e Ribeiro Couto “fizeram desse encontro epistolar um instrumento de aproximação e formulação do que os inquietava intelectualmente. Buscavam o atual, mas não deixaram de ser brasileiro e português, condição indispensável na manutenção e nos efeitos do vínculo” (Abreu, 2017, p. 226). O trabalho desenvolvido e acessado através dessa correspondência confirma exatamente a intensa movimentação realizada pelas figuras literárias do Brasil e Portugal aqui destacadas, bem como de outros países integrados a essa rede de sociabilidade, visando – na maioria das vezes – mais que um reconhecimento público e individual de sua tarefa, mas um verdadeiro projeto de convivência pela literatura. Projeto este que aparece fortemente ligado a questões políticas, debates sociais e teóricos que seguem atravessando as pesquisas na atualidade. O recorte voltado ao período de colaboração de Ribeiro Couto na revista *presença* serve também para elucidar como as revistas, entendidas como lugares de reflexão e disseminação de movimentos de arte, têm papel inegável na estruturação de acordos que extrapolam seu próprio momento. Do mesmo modo, é importante destacar a validade das cartas como ricas fontes de pesquisa

uma vez que permitem esse aprofundamento em questões que muito interessam à formação literária e que tantas vezes permanecem fora de circulação oficial, preenchendo lacunas historiográficas e atualizando debates. O estudo da correspondência entre Ribeiro Couto e Adolfo Casais Monteiro, como um exame de fontes primárias, é um material de investigação muito produtivo para compreender as relações luso-brasileiras, a circulação de ideias e esclarecer questões ainda pouco iluminadas nos estudos dos modernismos português e brasileiro.

Referências

ABREU, M. M. de. Para além das fronteiras: o particular e o cultural nas cartas de Casais Monteiro e Ribeiro Couto. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S. l.], n. 67, p. 222-228, 2017. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i67p222-228. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/137576>. Acesso em: 29 jun. 2023.

ARANHA, G. *O espírito moderno*. América Brasileira, Rio de Janeiro, ano 3, n. 30, p. 173-176, jun. 1924.

COSTA, A. G. Presença portuguesa no Brasil. In: *Relações Luso-Brasileiras*. Revista Convergência Lusíada, n. 19. Número Especial. Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Centro de Estudos. Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras. 2002.

COUTO, R. “Paquetá” e outros poemas. In. *Presença: folha de arte e crítica* / dir. fund. Branquinho da Fonseca... [et al.]. Ano 5, vol. 2, n 31/32 (Mar./Jun. 1931). 1931a. p. 14. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s1/UCBG-RP-1-5-s1_item1/P354.html>. Acesso em: 29 jun. 2023.

COUTO, R. Dois poetas de Alagoas. In. *Presença: folha de arte e crítica* / dir. fund. Branquinho da Fonseca... [et al.]. Ano 5, vol. 2, nº 33 (Jul./Out. 1931). 1931b. p. 13. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s1/UCBG-RP-1-5-s1_item1/P385.html>. Acesso em: 29 jun. 2023.

COUTO, R. Poetas Brasileiros – Carícia Noturna. In. *Presença: folha de arte e crítica* / dir. fund. Branquinho da Fonseca... [et al.]. Ano 9, vol. 2, nº 45 (Jun. 1935). 1935. p. 5. Disponível em: <<https://digitalis-dsp>.

uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s1/UCBG-RP-1-5-s1_item1/P565.html>. Acesso em: 29 jun. 2023.

FERREIRA, T. M. T. B. C.; NEVES, L. M. B. P. As relações culturais ao longo do século XIX. In.: CERVO, A. L.; MAGALHÃES, J. C.; ALVES, D. M. C. (org.). *Depois das caravelas: as relações entre Portugal e Brasil: 1808-2000*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. p. 225-252.

GUIMARÃES, L. M. P. Relações culturais luso-brasileiras: encontros e desencontros. In. *XII Encontro Regional de História – Usos do passado*. ANPUH-RJ, 2006. Disponível em: <<http://snh2013.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Lucia%20Maria%20Paschoal%20Guimaraes.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2023.

HÉLIO, M. De poetas menores e de Ribeiro Couto. 2002. Disponível em: <http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/resenha/FCRB_MarioHelio_De_poetas_menores_RibeiroCouto.pdf>. Acesso em: 04 set. 2023.

LEAL, E. C. A ideia de Confederação Luso-Brasileira nas primeiras décadas do século XX. In. *Revista Estudos Filosóficos UFSJ*, [S. l.], n. 3, 2009. p. 235-249. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/estudosfilosoficos/article/view/2381>>. Acesso em: 07 set. 2023.

LEITE, R. M. (Org.). *Correspondência – Casais Monteiro e Ribeiro Couto*. 1a ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

MAGALHÃES, J. C. As relações culturais recíprocas no século XX. In. CERVO, A. L.; MAGALHÃES, J. C.; ALVES, D. M. C. (org.). *Depois das caravelas: as relações entre Portugal e Brasil: 1808-2000*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. p. 353-375.

MARTINES, E. A presença do Brasil na *presença*: análise de uma atenção renovada. In. *Estudos Regianos*, n. 24-25, II série, junho-dezembro 2018, Vila do Conde, Centro de Estudos Regianos, p. 37-49. 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/37477189/A_presen%C3%A7a_do_Brasil_na_presen%C3%A7a_an%C3%A1lise_de_uma_aten%C3%A7%C3%A3o_renovada>. Acesso em: 07 set. 2023.

MONTEIRO, A. C. A poesia de Ribeiro Couto. In: *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1972. p. 145-170.

MONTEIRO, A. C. Notas sobre poetas novos do Brasil – I – Ribeiro Couto. In. *Presença: folha de arte e crítica* / dir. fund. Branquinho da Fonseca... [et al.]. Ano 5, vol. 2, nº 34 (Nov./Fev. 1932). 1932. p. 14-15. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s1/UCBG-RP-1-5-s1_item1/P402.html>. Acesso em: 29 jun. 2023.

NEVES, L. L. *Pensamento da América: intelectualidade e estado novo em um projeto comungado (1941-1945)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2013. 281 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106851>>. Acesso em: 04 set. 2023.

NOGUEIRA, A. Crítica: Província. In. *Presença: folha de arte e crítica* / dir. fund. Branquinho da Fonseca... [et al.]. Ano 8, vol. 2, nº 43 (Dez. 1934). 1934. p. 11-12. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s1/UCBG-RP-1-5-s1_item1/P539.html>. Acesso em: 29 jun. 2023.

OLIVEIRA, V. L. Oswald de Andrade: história e anti-história, uma releitura crítica do passado. In: *Poesia, mito e história do Modernismo brasileiro*. São Paulo: Editora UNESP; Blumenau, SC: FURB, 2002.

SARAIVA, A. *Modernismo brasileiro e Modernismo Português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

SIMÕES, J. G. Ribeiro Couto e Portugal. In. COUTO, R. Sentimento lusitano. 1ª ed. Lisboa: Livros do Brasil, 1963. p. 229-230.

SOUZA, R. S. M. José Osório de Oliveira e suas reflexões sobre a “moderna” literatura brasileira. In. *Revista Desassossego*, v. 7, n. 13, p. 100-108. 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/102859/101147>>. Acesso em: 07 set. 2023.

Data de submissão: 02/07/2023.

Data de aprovação: 19/09/2023.